



O “JEITINHO BRASILEIRO” DOS ALUNOS NO ENSINO REMOTO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE MODOS DE CONTORNAR ADVERSIDADES SOCIAIS NA PANDEMIA.

Éderson Rodrigues Cordeiro¹, Adriano Ricardo de Campos², Aline Lima Moraes

¹Mestre em Educação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Filosofia,
ederddd@yahoo.com.br

²Universidade Estadual da Bahia, Espanhol, adrianoaroc@gmail.com

³Secretaria de Educação Estadual de São Paulo, Inglês, aline.lee.morais@gmail.com

Resumo: Em 2020 a educação pública brasileira vivenciou inúmeras situações limites, destacando-se as práticas de ensino remoto, recursos econômicos, colaboração familiar e adequada formação docente. Na condição do inconformismo freiriano buscamos realizar um questionário em dezembro com 5 alunos e 5 mães sobre os modos de agir pela reconhecida condição do “jeitinho brasileiro” na pandemia. Os resultados demonstram que os participantes compreendem a criatividade para além do perfil da “malandragem”, do enganar, podendo ser considerado como forma de contornar adversidades sociais pela carência do poder público.

Palavras-chave: Descolonização, inédito viável, argumentação, agenciamento.

1. Introdução

O objetivo desta pesquisa é investigar sobre os processos de criatividade humana na expressão “jeitinho brasileiro” durante o ensino remoto na educação básica. Esta pesquisa trata de uma experiência feita por professores e comunidade educativa realizada numa escola pública do ensino médio na cidade de Osasco, São Paulo em dezembro 2020. De acordo pedido da escola e integrantes foi pedido anonimato para realizar e divulgação de dados neste momento.

Neste horizonte da pandemia, a escola se coloca a aprender com o seu público a partir dos repertórios culturais desenvolvidos sobre um projeto da educação em Paulo Freire (2018), promotora da efetivação de muitas possibilidades com os sujeitos que se articulam a um projeto de realização colaborativa.

As narrativas de reconhecimento da importância da educação gratuita de qualidade a todos são de grande pertinência para que a lógica da submissão, da carência, seja alterada para as formas de argumentação colaborativa (LIBERALI, 2018) e nos processos de agenciamento dos sujeitos, visto como acontecimento do

desejo humano (DELEUZE,1988), realizada pela corporeidade viva dos encontros com as situações desafiadoras na sociedade em transformação.

2. Fundamentação Teórica

A nossa condição humana se constitui pelo enfrentamento das adversidades materiais e sociais na dinâmica do tempo. De acordo Vygostky (1994), Freire (2018), Deleuze (1988), os modos de interagir com a cultura é permeado numa relação dialógica, esperançosa no tempo presente ao lado das diferenças que se efetivam pelas ações de um projeto político de vida comum.

Quando se fala de cultura brasileira, DaMatta (1977) diz que é comum reconhecer que um dos traços marcantes de identificação dos hábitos e costumes se efetiva como “jeitinho brasileiro”. Esta prática é considerada uma forma especial de lidar com algum problema ou situação difícil, emergencial, buscando uma solução criativa, rápida em busca de resolver um obstáculo.

Neste horizonte as consequências desta prática na formação pública, o interesse individual limita possibilidade de efetivação do agir coletivo, sendo fundamental promover combates a esta prática intermediária do favor e da corrupção.

O reconhecimento de um grupo humano ocorre em vista de um espaço físico, sobre as possibilidades dos repertórios culturais disponíveis. Para Santos (2010), descolonizar os saberes é condição de enxergar outros modos de agir no mundo, reconhecer as dinâmicas dos engajamentos humanos na cultura local é de fundamental relevância para que as diferenças sejam vistas com menos moralidade e mais na efetivação de ver caminhos múltiplos de resolução de problemas temporários.

Sendo assim, conforme Paulo Freire (2018) a escola pode e muito aprender com sua comunidade viva a respeito de como lidar com as barreiras sociais

promovidas pelas faltas do poder público e principalmente em alguns territórios da educação que ainda resisti em colocar seu público na submissão de um único modo de agir no mundo.

3. Metodologia

O caminho de realização ocorreu pela aplicação de um questionário virtual do google forms, onde o foco era entrevistar 5 alunos e 5 responsáveis a respeito de experiências contornadas na pandemia à luz do “jeitinho brasileiro”.

No intuito de fomentar maior liberdade de expressão no questionário aberto de 5 perguntas, nomeado de “resolução de problemas”. Estruturadas na dimensão de Criatividade: 1- Qual solução para falta de internet e celular em casa? 2- Tenho muita lição acumulada, o que fazer? 3-Meu filho pensa em desistir da escola? 4- Aulas com pouca frequência e retorno de atividades dos alunos durante ensino remoto? 5- Minhas férias serão em casa, e agora? Para uma ética de pesquisa científica, solicitamos anonimato para que retratassem dos modos reais e significativos de sua experiência no auxílio da educação dos filhos e organização familiar.

A proposta do uso categórico da criatividade justifica-se em Santos (2010), onde os sujeitos encaram situações desafiadoras pautadas nos repertórios culturais existentes, podendo serem vistos numa dimensão holística, favorecedora de ricas experiências de saberes do cotidiano na busca de resolver um problema sem violar as normas sociais ou legais.

A proposta de análise desenvolveu-se pelo método quali-quantitativa, onde André (2002) e Gil (2002) consideram ser uma nova abordagem metodológica pautada na integração dos saberes, percorridos na multiplicidade do fenômeno investigado, promovendo a realização de uma pesquisa mais colaborativa. Neste caminho, reconhecem a necessidade de superar a tradição dicotômica na história das ciências humanas (quali ou quanti), e os resultados desses efeitos limitantes nos processos de investigação nos espaços escolares, na sociedade em geral. Os propósitos de uma pesquisa ultrapassam os fenômenos descritos por um método

trabalhado.

Diante do recolhimento do questionário, análise de dados, foi proposto compartilhar com professores em reunião formativa da escola participante o processo de investigação realizado para gerar ampliar outras possibilidades de colaboração durante ensino remoto em 2021.

4. Análise e Discussão

Os dados apontaram que os participantes da pesquisa alunos, familiares e professores, são esclarecidos a respeito do que seja o fenômeno “jeitinho brasileiro”. Contudo, são afirmadores em dizer que as políticas de estado são insatisfatórias para atender as diversas famílias que transitam na cidade urbana.

No uso da categoria “Criatividade para resolução de problemas”. Nela encontramos um reconhecimento dos participantes em se afirmarem muito criativos diante do contexto da pandemia. Este processo é visto como limitante diante das condições adversas vividas bairro, justamente pela falta de maior mobilização das famílias em pensar e agir sobre a relevância do papel da educação para as gerações.

Em se tratando do acesso a internet este não foi um grande problema para os participantes, alegando ser que a maior barreira era dividir uso de celular, visto que o dos filhos eram menos potentes do que os familiares que usavam do trabalho.

A lição acumulada apareceu como horizonte de maior desafio aos alunos e familiares que se viam desafiados a buscarem soluções. As soluções indicadas foram atividades em grupos, maior tempo de entrega e principalmente ações que dessem mais autonomia aos filhos sem dependerem dos pais devido a alta jornada de trabalho, exaustão e reconhecimento de estarem longe de capacidade de ensinar conteúdos complexos.

Embora a desistência da escola tenha passado ao longo do ano na vida dos alunos e alguns tenham ficado semanas desligado de tudo, a família apareceu como forte apoio de superação ao momento. Um dos recursos comuns foram a necessidade de ter adulto que cobre, os alunos carecem de uma autonomia sobre o que fazer e

como estudar. Conversas amorosas, recordações na mesa sobre conquistas familiares, projeções de futuro se colocaram como pontos importantes para saídas da baixa produtividade escolar.

A frequência e participação dos alunos no ensino remoto foi proposto ampliação de parceiras que deram certo com dois integrantes da pesquisa. Divulgação nas redes sociais, rádio local, panfletos em igrejas, padarias e pontos de ônibus a respeito da importância de continuar estudos em modo remoto. Foi sugerido ações que fomentassem ensino mais relacionado a trabalhos colaborativos alinhado as condições da pandemia, desde a saúde física, mental, espiritual e principalmente hábitos saudáveis para e viver bem a adolescência neste momento desafiador.

Quando se falou em projeção de férias em casa muitos confirmaram a necessidade de reinventar-se neste momento de virada de ano. Para isso, atribuem a necessidade de revisar as experiências construídas neste tempo e projetar-se para novas possibilidades ainda com restrições em 2021. Desligar-se dos exageros de notícias tristes, equilibrar saúde com trabalho doméstico, lazer durante a semana, cuidado com familiares e amigos foram propostas relevantes de como se caminhar para uma existir mais satisfatório no coletivo.

Assim, este questionário oportunizou uma contribuição especial para que a escola e comunidade local possam se aventurar em novas possibilidades de aprendizagem colaborativa a partir das necessidades reais dos seus participantes. Sem dúvida, uma das possibilidades é considerar engajamento de todos sobre os múltiplos modos de atuar sobre este momento, onde a educação de qualidade se constitui pela abertura e construção com as novas exigências de se humanizar pelo saber intencional e dialógico na sociedade aprendiz.

5. Considerações Finais

Nossa vivência humana sobre a pandemia tem sido desconfortante, árdua e paralisante em alguns momentos. São dessas pausas que fazem sair de cena a



educação ideal para os modos concretos de agir no mundo.

Esta pesquisa de modo sintético abre caminhos para aprofundamentos com outras experiências, justamente pela complexidade das vivências e ações produtivas no contexto escolar. Justamente por isso, os dados iniciais promoveram uma reorganização das práticas dos educadores para buscarem novas formas de atuar ao lado das forças significativas, famílias, rede educação estadual, ongs, numa educação alinhada ao presente e numa política de transformação social.

Desta forma, o “jeitinho brasileiro” pode ser ainda mais estudado como uma forma de integrar a complexidade de um povo fora da ótica da história dos incapazes, imorais, para a condição do agir intencional. Conforme Santos (2010), o intuito de descolonizar saberes, possibilita que as contradições sejam vistas como fator de recriação para a diversidade de caminhos, com ética e responsabilidade social para realização de um país que seja feita por armas de inclusão social e colaboração permanente a diversidade de seus povos que trazem uma ancestralidade viva.

Referências

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2002.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema Brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1977.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 66. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIBERALI, Fernanda Coelho. **Argumentação em Contexto Escolar**. 2.ed. Campinas: Pontes, 2018.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.